



SAUDAÇÃO À EXPRESSIVIDADE LÍRICA: UM ESTUDO DO POEMA “SAUDAÇÃO” DE BETO PETRY

Jeancarlo Bresolin

333

Resumo: Tendo como objeto de estudo o poema “Saudação” do escritor paranaense Beto Petry, o artigo explora algumas reflexões analíticas nas áreas da Antropologia, da Crítica Literária e da Sociologia, buscando com isso aprofundar a análise interpretativa de tal escrito literário. Para isso, exporemos o poema à luz de publicações de Cândido (1975; 2006), na tentativa de correlacioná-lo ao seu contexto sociológico, utilizando também explicações sociológicas e antropológicas de Silva (2013), de Lévi Strauss (1997), apontamentos de Roberto Schwarz, contribuições foucaultianas (2009) e de Geertz (1997). Com tais colaborações teóricas buscaremos apontar traços de criatividade em tal poema e a importância do contexto para a elaboração de produções literárias.

Palavras-chave: Literatura; Contexto; Criatividade.

Abstract: The article explores some analytical reflections in the areas of Anthropology, Literary Criticism and Sociology, in the poem "Saudação" by Beto Petry from Paraná, Brazil. In order to deepen the interpretative analysis of this literary work we will expose the poem under the perspective of Cândido's publications (1975; 2006), in an attempt to correlate it to its sociological context, using also, sociological and anthropological explanations of Silva (2013), Lévi Strauss (1997), notes of Roberto Schwarz, Foucaultian contributions (2009) and Geertz (1997). With such theoretical collaborations we will seek to point out traces of creativity in this poem and the importance of the context for the elaboration of literary productions.

Key-words: Literature; Context; Creativity

Introdução

Ao analisar o poema “Saudação” de Beto Petry observamos a importância do contexto em produções literárias, como é o caso de poemas. O autor lança mão de reflexões ocasionadas por um dos temas que mais incitam grandes escritores em elaborações artísticas – a convivência humana – e com ele uma atmosfera confusa, onde situações cotidianas trazem elementos atuais para o século XXI, mas que



estão sempre em contato com um contexto arraigado em situações pretéritas. O artigo está dividido em três seções. A primeira intitulada “Contando o contexto” tenta refletir sobre a importância do contexto para as produções literárias, sejam elas narrativas líricas ou em prosa; a segunda chamada de “Bem-vinda criatividade!” expõe o poema em questão analisando alguns fragmentos e por fim, a terceira seção nomeada de “Poema problematizador”, refletimos um pouco mais o quanto a literatura pode contribuir para entendermos o nosso contexto, problematizando-o e aumentando nossa capacidade de entendê-lo de forma mais abrangente. A escolha por um escritor do oeste paranaense sugere a importância do contexto em produções intelectuais diversas, como o caso deste artigo do qual o autor é da mesma região geográfica do literato.

334

Contando o contexto

A arte pela arte dos autores parnasianos buscava a capacidade imaginativa de seus autores embebidos em descrições pormenorizadas de objetos que suscitavam a capacidade lírica de tais poetas. Analisando tal “escola literária” temos a sensação de que, naquela época, todos os grandes literatos deviam escrever de tal forma, contudo, a literatura em seu sentido lato não se deixa aprisionar por rótulos. Ela é mais do que isso, pois sintetiza a sensibilidade e expressividade humana, fazendo uso de estímulos diversos, oriundos geralmente do contexto no qual se situa o autor. O contexto influenciou e influenciou, inclusive produções parnasianas, e ao mesmo tempo suscita a criatividade do poeta para ousar e ir além dos lugares-comuns.

Tomando como base o romance alencariano “Senhora”, Antônio Cândido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006) explana que naquele caso em específico, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar até uma interpretação estética que assimila a dimensão social como fator de arte. Quando isso acontece, aparece o paradoxo de o externo



se tornar interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. Assim, o elemento social se torna um dos vários que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos, entre outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui referencial, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo (CANDIDO, 2006, p. 17).

O paradoxo de o externo se tornar interno sugere uma constante retroalimentação entre o contexto do escritor e sua obra: sua produção tende a aproveitar suas reflexões baseadas em seu contexto e ela própria pode contribuir para o entendimento deste último.

Acima mencionamos que a literatura não se deixa aprisionar em rótulos. Candido explica a existência daqueles que buscam relacionar o conjunto de uma literatura, um período, um gênero, com condições sociais. O método tradicional, esboçado no século XVIII, que encontrou em Taine seu maior representante, teve com um de seus representantes em nosso país, Sílvio Romero (ibid, p. 18). Esse método, que tende ao determinismo, pode ser estéril pelo fato de tender a levar a uma análise preconceituosa, ao subtender que o literato é como uma produção em escala: deve fazer necessariamente aquilo determina o seu meio, sua raça e sua genética. Mesmo que possam fazer parte daquilo que é considerado o *status quo*, tais artistas, não necessariamente concordam com grande parte do que pertence ao *establishment* e, com isso, extravasam através de suas obras artísticas elementos de contundente criatividade, como a crítica sarcástica em relação ao seu próprio contexto. Já que não podem acabar com tal atmosfera alienante onde as pessoas parecem fazer o que fazem por força do hábito sem refletirem criticamente, através de suas produções criativas tentam desmitificar uma realidade, considerada por muitos como “a mais correta”. Na mesma publicação, Candido alerta que:

Com efeito, todos sabemos que a literatura, como fenômeno da civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais. Mas, daí a determinar se eles interferem diretamente nas características essenciais de determinada obra, vai um abismo, nem sempre transposto com felicidade (ibid, p. 20).



Schwarz exemplifica que o Brasil pode ser considerado um país que se movimenta a reboque, onde as novidades dos centros mais prestigiosos acabam ofuscando os demais. A existência de um conjunto de obras entrelaçadas, confrontadas entre si, lastreadas de experiência social específica, ajuda a barrar a ilusão universalista que é da natureza da situação de leitura, ilusão da qual é levado todo leitor, principalmente nos casos em que busca fugir a estreiteza do ambiente (Schwarz, p. 20).

Ao se falar da “estreiteza do ambiente” não podemos nos furtar de mencionar que o poema a ser analisado neste artigo foi retirado de uma coletânea intitulada de “Escritores do Oeste: Antologia 2005” produzida pela Academia de Letras do Extremo-Oeste do Paraná, uma publicação com cerca de 120 páginas e com vários escritores participando de tal obra. Na apresentação do escritor Beto Petry (fornecida possivelmente por ele próprio) observamos as seguintes informações: “Músico, compositor, poeta, professor de Português e Literatura, formado e pós-graduado em Letras pela Unioeste/Foz. Radicado em Matelândia, onde é vereador pelo PT. Dentre suas obras, destaca-se Versos Intrave(ne)nosos (1997). É membro efetivo da Academia de Letras do Extremo-Oeste do Paraná, titular da cadeira 13. Contato: betopetry@matelnet.com.br” (Academia do extremo-oeste do Paraná, p. 14, 2005).

A primeira impressão que se tem é que não se trata de um intelectual considerado “tradicional” e “conservador”, pois o mesmo desempenha várias atividades, o que possivelmente contribui para a construção de seu universo literário. Pelo título de uma de suas principais obras, percebemos o jogo de palavras plurissignificativas (Versos Intrave(ne)nosos), onde a criatividade aparece já no título da publicação.

Essas informações adicionais podem ser relevantes se tomarmos a literatura como um sistema do qual os diversos fatores envolvidos são importantes para que ela atinja os leitores de acordo com as intenções dos escritores. Até mesmo um



monólogo tem o outro (mesmo que seja nossa “voz interna”) como interlocutor. Para Candido em sua obra “Formação da literatura brasileira”:

Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura aspectos orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veididades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade (Candido, 1975, p. 23).

337

Dessa maneira, observamos que um escrito literário está intimamente ligado ao seu contexto, contudo, o escritor não é mero reflexo do seu contexto, pois, por meio da expressividade e criatividade, pode criar obras que ultrapassam as fronteiras do lugar-comum. Na próxima seção será exposto o poema “Saudação” e aprofundaremos a análise do mesmo, fazendo uso de reflexões da área antropológica e sociológica que tematizam a arte.

Bem-vinda criatividade!

Um dos maiores atributos para manter a atenção do leitor em uma obra literária é a criatividade. Não basta meramente narrar um fato, é necessário fazê-lo de forma com que o leitor sinta-se “preso” a narrativa. Para chegar ao final do parágrafo ele deve ser convidado a colocar-se dentro da obra, percorrendo os caminhos narrados e sentindo minimamente as sensações das personagens ou as sugeridas pelo literato.

Expressões como “esse escritor pensa exatamente como eu!” é um indício de que o autor conseguiu reunir em sua obra uma série de atributos que aproximaram o leitor de sua vivência, ou, acaso se trate de contextos mais longínquos, perceberem que as sensações sugeridas vão além de barreiras temporais.



O poema “Saudação” de Beto Petry coloca seu leitor numa atmosfera de sentimentos que podem ser considerados atuais (modernos) e ao mesmo tempo atemporais:

338

Saudação

Sendo a intenção espanar o tédio do viver
E não cultivar o lugar-comum
Sendo a pretensão soltar a asa e voar
Em busca de outros céus (mais azuis pro nosso passar)
Querendo ser um e não apenas mais um
Então sim, aqui está a sua casa
Pode entrar!

Tendo a convicção de que tudo é uma roda (a rodar)
E de que um homem só será mesmo um homem
Justamente adequado nesse transformar
E tendo antes de mais nada a certeza
De que não é justo a injustiça triunfar
Então aqui está a tua casa
Pode entrar!

Tendo em cada mão um facão pra decepar
Em metades a cabeça gananciosa insaciável
Daquele que já tem demais e ainda quer mais
E tendo também no coração uma pena leve
Pra absolver as flores da perpétua carência
Então sim, aqui está a tua casa
Entre!

Se a filosofia é não temer a morte e nem a vida
Se o sonho é multiplicar o bem, apesar dos divisores do mal
Se o esquema é lutar por amor à causa, promovendo a igualdade,
E suportar o amor até o fim, apesar da fidelidade
Então sim, aqui está a tua casa
Pode vir!

Se a vontade é ser alguém de boa vontade
E contribuir com um verso em prol da fraternidade
Então entre
Aqui está a tua casa!

Se a política é fulminar mesquinhas com bondades
Bombardear cifrões e subtrair a cifra de mortos e feridos
e famélicos e egoístas e safados e a náusea dos novos tempos
Se a fórmula é não oferecer a outra face (nas dissidências)
Porém evitar o primeiro tapa, então entre
Aqui está a sua residência!



Uma das primeiras características que observamos em tal produção lírica é que são versos não aprisionados à métricas e a rimas. O autor “saúda” o seu leitor no final de cada estrofe por intermédio de uma exclamação, mas para que ele seja realmente “saudado” são colocados alguns argumentos, sendo muitos deles predicados do suposto leitor que hipoteticamente concordaria com suas constatações (alguns deles introduzidos pela partícula condicionante “se”).

A classificação muitas vezes é necessária para se perceber a quem uma produção literária deveria alcançar. Embora uma obra possa ser considerada uma “criatura” com vida própria (pois, embora se possa ter como destinatário um público específico, nem sempre ela atinge tão somente tal público, podendo ser “descoberta” por públicos diversos), muitas vezes o próprio autor é capaz de classificar não apenas a sua obra em si, mas também toda a sua trajetória enquanto escritor. Para entender alguns tipos de classificações, a abordagem de Lévi-Strauss é necessária para um aprofundamento de nosso nível de análise. Lévi-Strauss em sua obra “O pensamento selvagem” explica minuciosamente como ocorre esse costume tão comum dos seres humanos de classificar, atendo-se inclusive em explicar como se dá o conhecimento científico:

O homem do neolítico ou da proto-história foi, portanto, o herdeiro de uma longa tradição científica; contudo, se o espírito que o inspirava, assim como a todos os seus antepassados, fosse exatamente o mesmo que o dos modernos, como poderíamos entender que ele tenha *parado* e que muitos milênios de estagnação se intercalem, como um patamar, entre a revolução neolítica e a ciência contemporânea? O paradoxo admite apenas uma solução: é que existem dois modos diferentes de pensamento científico, um e outro funções, não certamente estádios desiguais do desenvolvimento do espírito humano, mas dois níveis estratégicos que a natureza se deixa abordar pelo conhecimento científico – um aproximadamente ajustado ao da percepção e ao da imaginação, e outro deslocado; como se as relações necessárias, objeto de toda ciência, neolítica ou moderna, pudessem ser atingidas por dois caminhos diferentes: um muito próximo da intuição sensível e outro mais distanciado (Lévi-Strauss, 1997, p. 30).

Mais adiante, na mesma publicação, o autor explica a importância das classificações como uma maneira de minimizar o caos:



Toda classificação é superior ao caos, e mesmo uma classificação no nível das propriedades sensíveis é uma etapa em direção a uma ordem racional. Se nos pedem para classificar uma coleção de frutas variadas em corpos relativamente mais pesados e relativamente mais leves, será legítimo começar separando as peras e as maçãs, ainda que a forma, a cor e o sabor não tenha relação com o peso e o volume; isso porque entre as maçãs, é mais fácil distinguir as maiores das menores do que se as maçãs continuassem misturadas às frutas de aspecto diferente. Por este exemplo, já se pode ver que, mesmo no plano da percepção estética, a classificação tem o seu mérito (Ibid, p. 31).

Percebemos, dessa maneira, a necessidade de classificar, desde elementos mais simples em nosso cotidiano (como uma fruta), até elaborações intelectuais mais complexas (como uma produção científica ou obra literária) e o quanto tais classificações contribuem, inclusive, não apenas para organizar um suposto “caos”, mas também para termos uma certa noção de pertencimento.

Voltemos para as informações acerca do autor do poema “Saudação”: “Músico, compositor, poeta, professor de Português e Literatura, formado e pós-graduado em Letras pela Unioeste/Foz. Radicado em Matelândia, onde é vereador pelo PT” (Academia do extremo-oeste do Paraná, p. 14, 2005). Tais características que o autor atribui a si mesmo podem ser consideradas meios de classificação e acabam agindo como um atributo a mais (ou a menos) para que o leitor que ainda não conhece o seu trabalho venha a ler sua obra ou até mesmo evitá-la. Nesse processo, devemos estar alerta para não confundir “classificações” com “rotulações”, pois a classificação contribui para a organização do conhecimento humano e dos diversos objetos e fenômenos ao redor de nós. As “rotulações” muitas vezes são impregnadas de preconceitos e limitam o ser humano de estar aberto a novos conhecimentos e novas experiências. Mesmo sabendo que muitas rotulações são classificações, é necessário uma visão de mundo mais crítica por parte do leitor para que ele não deixe de estar aberto a novas produções, simplesmente por olhar uma obra com as lentes do preconceito ao invés da criticidade.

O título de uma obra tem muito a ver com o universo criativo do autor e, geralmente, indica sua visão de mundo. Beto Petry lança mão de um título que faz



parte do nosso cotidiano e que pode ser considerado um ritual passado de gerações a gerações que é a “saudação”. Saudar uma pessoa pode ser considerado uma maneira de atribuímos não apenas consideração para com aquele que é saudado, mas também para vermos o outro como um indivíduo que faz parte de uma coletividade da qual pertencemos.

Lévi-Strauss aponta a importância do ritual, inclusive como sendo muitas vezes considerada uma prática sagrada e que contribui para a manutenção do universo:

“Cada coisa sagrada deve estar em seu lugar”, notava com profundidade um pensador indígena (Fletcher 1904, 34). Poder-se-ia mesmo dizer que é isso o que a torna sagrada, pois, se fosse suprimida, mesmo em pensamento, toda a ordem do universo seria destruída; portanto ela contribui para mantê-la ocupando o lugar que lhe cabe. Os requintes do ritual, que podem parecer dispensáveis quando examinados de fora e superficialmente, explicam-se pelo cuidado com aquilo que se poderia chamar de “microperequação”: não deixa escapar nenhum ser, objeto ou aspecto, no fim de lhe assegurar um lugar interior no interior de uma classe” (Ibid, p. 25).

Todavia, a “Saudação” dirigida ao leitor não é como aquelas cotidianas do qual estamos acostumados como um “Bom dia!” ou um “Oi!”. São declarações, em que a maioria delas tem um tom imperativo como “Pode entrar!” “Entre!” “Pode vir!”. Outra característica notória é que uma saudação geralmente ocorre no início do processo comunicativo: saudamos e após isso podemos prosseguir a conversação adicionando novas informações. No caso do poema do autor do extremo-oeste paranaense (observemos como a classificação é comum em nosso cotidiano) ele coloca a saudação no final de cada estrofe, invertendo aquilo que é um costume social normal, ou seja, saudar primeiro e passar outras informações depois.

Ainda na primeira estrofe do poema lemos: “Sendo a intenção espanar o tédio do viver/E não cultivar o lugar-comum” observamos a criatividade do autor, fazendo uso de verbos não tão comuns para a situação como “espanar” (no caso do poema, não se espana uma sujeira fazendo uso de um espanador e sim o tédio



cotidiano) e “cultivar” (não se coloca em questão o cultivo de algum tipo de cultura agrícola e sim o do hábito de aceitar-se o lugar-comum). Observamos que, o próprio autor, deixa de lado o chamado “lugar-comum” ao colocar, não só sua “saudação” no término de cada estrofe, mas também utilizando verbos (e até mesmo criando alguns) como “passarar”, “decepar”, “fuminar”, “bombardear”; dando a sua obra uma ideia de movimento e colocando o seu leitor para dentro do seu escrito através de sensações que o tiram do seu lugar-comum.

Na próxima seção tentaremos expor o quanto tal produção literária pode ser considerada também como um “poema problematizador”.

Poema Problematizador

O poema de Beto Petry lança mão de palavras de impacto na tentativa de passar ao leitor uma atmosfera socialmente problemática, sem tirar a beleza do poema. Numa narrativa dinâmica, o autor consegue expor eventos do homem comum e atual, que são também problemas comuns a homens diferentes de nós e de outras épocas, como nos seguintes versos: “Se a filosofia é não temer a morte e nem a vida/Se o sonho é multiplicar o bem, apesar dos divisores do mal [...]”. Deve-se ressaltar que o problema (ou solução?) da morte é um dos temas que mais povoa o cotidiano das pessoas, desde a criação (ou evolução) do homem.

A “multiplicação do bem” é uma prática vista pela sociedade atual como algo necessário a ser feito, contudo, o poeta, possivelmente, dá abertura para expor uma atmosfera de hipocrisia por trás de tal proceder ao declarar “apesar dos divisores do mal”.

Na obra “O saber local: nove ensaios em antropologia interpretativa” Geertz expõe o processo de re-trabalhar um texto:

[...] Durante o processo de re-trabalhar um texto, interpretando-o, quando divisórias culturais importantes são atravessadas, produz-se uma sensação diferente de descoberta: sente-se como se tivéssemos realmente



encontrado algo novo, e não uma lembrança, ou seja, a aquisição e não a herança de alguma coisa. Mas o processo que transforma cenas de experiências extraordinárias (Flandres, 1915; Gianjar, 1847) em figurações da vida coletiva, através de representações tateantes do que nela ocorreu, é o mesmo. Nem mesmo quando a cena é ordinária é um artefato, e não, como diríamos, uma cena “real” - este processo se modifica seriamente – Emma ou Masfield Park, ou no caso, o próprio sati. Quando a cena não é “real” acontece apenas uma alteração de vocabulário. A passagem porém, é ainda a mesma: das intimidades de um tipo de vida para as metáforas de outro (p. Geertz, 1997, p. 75).

Com tal explicação, observamos que embora o autor tente através de diversos recursos estilísticos, como a utilização de metáforas e exageração de ideias, aumentar sua criatividade em prol da expressividade literária, ele tende a ser o mesmo utilizado por autores atuais e de outras épocas. Por mais que seja considerado por muitos um “escritor a frente do seu tempo”, os escritores, assim como os diversos indivíduos formadores da sociedade estão sempre retrabalhando aquilo que está acessível a si mesmos. Para sair desse “lugar-comum”, deve-se então lançar mão de atributos que muitas vezes problematizam o nosso próprio contexto.

Vejamos mais um trecho do poema em questão: “Se a política é fulminar mesquinhas com bondades/Bombardear cifrões e subtrair a cifra de mortos e feridos e famélicos e egoístas e safados e a náusea dos novos tempos [...]”.

Fica subtendido a discordância do autor com uma série de eventos aos quais ele é exposto (a política, as mesquinhas etc). Ele expõe aquilo que não concorda e ao mesmo tempo retrabalha essa problemática fazendo uso de jogo de palavras (cifrões – cifra), dando ritmo ao verso com adjetivações e repetição de palavras (e) transmitindo em seu poema uma atmosfera em movimento, sendo ao mesmo tempo crítico a ela. Para aumentar sua expressividade literária o autor lança mão de palavras incomuns como “passarar” buscando com isso exercer sua criatividade provocando um estranhamento no leitor. Sobre a expressão artística Geertz ainda expõe que:

[...] Se é que existe algo em comum, é que em qualquer lugar do mundo certas atividades parecem estar especificamente destinadas a demonstrar



que as ideias são visíveis, audíveis e – será preciso inventar uma palavra – *tactíveis*; *que podem ser contidas em formas que permitem aos sentidos, e através destes, às emoções, comunicar-se com elas de uma maneira reflexiva. A variedade da expressão artística é resultado da variedade de concepções que os seres humanos têm sobre como são e como funcionam as coisas. Na realidade, são uma única realidade* (Ibid, p. 181, grifos do autor).

344

No artigo “Do horror artístico: conto de uma festa de Ano Novo”, Silva estuda o conto “Feliz Ano Novo” de Rubem Fonseca, aprofundando suas análises com contribuições antropológicas de autores como Geertz. Ela explica que este autor define a arte como um sistema particular de formas simbólicas do qual podemos chamar de cultura, e sua relação com a vida coletiva se realiza no plano semiótico. Tais formas simbólicas “materializam uma forma de viver e trazem um modelo específico de pensar para o mundo dos objetos, tornando-o visível (Geertz, 1997, p 150). Dessa maneira, a arte transmite significados como um meio comunicativo, mas também como uma maneira de pensamento a ser traduzido (Silva, 2013, p. 395).

Essa “tradução” da qual Silva ressalta pode ser visto no poema de Beto Petry que busca, com sua criatividade, “traduzir” em palavras sua visão de mundo, muitas delas discordantes com o que vivência como no verso em que critica a ganância humana: “Tendo em cada mão um facão pra decepar/Em metades a cabeça gananciosa insaciável/Daquele que já tem demais e ainda mais quer [...]”.

Observamos que o autor mais uma vez recorre à palavras de conotação que giram em torno à temas que perpassam a atmosfera de qualquer indivíduo a exemplo da morte, como já ressaltamos anteriormente, e também fica subtendido através das passagens: “um facão pra decepar” e “em metades a cabeça gananciosa insaciável”. Essa temática, tão explorada por literatos, foi exposta por Michel Foucault:

[...] O segundo tema é ainda mais familiar: é o parentesco da escrita com a morte. Esse laço subverte um tema milenar; a narrativa, ou a epopéia dos gregos, era destinada a perpetuar a imortalidade do herói, e se o herói aceitava morrer jovem, era porque sua vida, assim consagrada e



magnificada pela morte, passava a imortalidade; a narrativa recuperava essa morte aceita. De uma outra maneira, a narrativa árabe – eu penso em As mil e uma noites – também tinha, como motivação, tema e pretexto, não morrer: falava-se, narrava-se até o amanhecer para afastar a morte, para adiar o prazo desse desenlace que deveria fechar a boca do narrador. A narrativa de Shehrazade é o avesso encarnado do assassinio, é o esforço de todas as noites para conseguir manter a morte fora do ciclo de existência (Foucault, 2009, p. 268).

Vemos dessa maneira que produções literárias como a do literato paranaense vão além de uma mera tentativa de exercitar os meios expressivos: contribui também para que o leitor exercite seu senso crítico enxergando seu contexto social, não apenas de forma passiva, mas ativamente. O auxílio de campos do conhecimento humano como a antropologia, a sociologia e a própria literatura aumenta a amplitude das análises e ações dos leitores.

Considerações finais

A expressão literária tende a amalgamar influências do meio social, contribuindo para o universo expressivo do literato. Mais do que uma “inspiração” repentina, poemas como o do escritor paranaense Beto Petry “traduzem” sentimentos conhecido por qualquer indivíduo que faz parte de uma coletividade maior. A velocidade sugerida por seu poema pode ser considerada como uma das marcas dessas primeiras décadas do século XXI, décadas em que entramos em nossa residência, muitas vezes com o sentimento de ser um ser estranho dentro de nossa própria casa, devido ao nosso conjunto de opiniões ou aspirações.

Tédio de viver, aonde a tecnologia da modernidade nos convida a sobreviver numa vida cheia de novidades, que preenchem uma rotina na qual parecemos estar sempre vivenciando a vida dos outros e deixando a nossa passar como se fosse ela fosse uma “rede social ultrapassada”, buscando em sensações diversas uma completude, em que tratamos o outro (muitas vezes uma pessoa da qual nunca vimos pessoalmente) como nosso “contato essencial” sem estarmos em contato



conosco mesmo. A literatura tem, entre suas várias virtudes, a capacidade de trazer sensações que fazem o leitor pensar de uma maneira mais crítica e menos passiva sobre seu cotidiano, sobre sua sociedade, sobre si mesmo.

O poeta que sauda e pede para que o leitor “entre” pode ter aspirações parecidas as do leitor, que percebe que uma mera saudação, cada vez mais rara e protocolar, ao invés de verdadeira, esta povoando suas residências íntimas, residências que tinham tudo para ser “lar doce lar”, mas, com o corre-corre diário, faz com que muitos se esqueçam do seu senso de pertencimento e terminem por se sentir estranhos consigo próprios e com outros; sentimento esse que pode mover o processo criativo.

O poema “Saudação” não apenas entrete o leitor: o sacode. Tenta tirá-lo do lugar-comum, do bocejo cotidiano. As contribuições na área da antropologia, da sociologia e da crítica literária aumentam o efeito desse “sacudir” e o convite para entrar em um entendimento mais crítico e profundo de nossa sociedade. Resta perguntarmos ao nosso leitor: Vai entrar ou não?

346

Referências bibliográficas

ACADEMIA DE LETRAS DO EXTREMO-OESTE DO PARANÁ. Escritores do Oeste: Antologia 2005. Foz do Iguaçu, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: nove ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papius, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.



SILVA, Regina Coeli Machado e. *Do horror ao artístico: conto de uma festa de Ano Novo*. In: Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2013, v. 56, nº 1.